

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

| | |
|--|----------|
| Em Ovar, semestre | 500 réis |
| Com estampilha | 600 » |
| Fóra do reino accresce o porte do correio avulso | 20 » |

Redacção e administração—LARGO DA PRAÇA—Ovar

PROPRIETARIO E EDITOR

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

| | |
|--|-------------------|
| No corpo do jornal | 60 rs. cada linha |
| Annuncios e communicados | 50 » » » |
| Repetições | 25 » » » |
| Annuncios permanentes, contracto especial | |
| 25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes | |

A SOCIOLOGIA

II

Antes de mostrar, que a sociologia, em quanto a principios ou leis, se acha ainda balbuciente apezar de para ella contribuirem todos os dias os estudos descriptivos com abundancia de factos de toda a especie. e apezar dos progressos da biologia, na qual procura as suas bases, convem dizer, em que realmente consiste o positivismo, que pretende ter creado aquella nova sciencia.

Não nos illudamos com este nome de positivismo, ou de philosophia positiva, supposta pelos discipulos de Comte uma innovação do mestre, aperfeiçoada, ou depurada por Littré, não sendo nos seus principios mais do que a velha doutrina relativista, que sempre acompanhou, precedeu, ou seguiu as outras escholas philosophicas.

Não nego o valor de muitas das suas ideias secundarias, pois era um pensador eminente, mas os que o tomam por chefe, exageram a sua obra, e lhe attribuem o que antes d'elle estava dito e redito.

Por exemplo: Os tres estados mentaes qualquer que reflete nas phases do espirito humano, os distingue sem mesmo pensar, que isso seja uma descoberta, quando Vico, Turgot, Saint-Simon os não tivessem claramente exposto nos seus livros—sómente com uma differença, que a successão dos tres estados não pode considerar-se uma lei, e como tal a primeira vista é contestavel. Repetiremos a nossa refutação publicada ha mais de vinte annos.

No querespeito a metaphisica—já Kant, mesmo Voltaire, Condillac, e a grande maioria dos naturalistas se haviam pronunciado contra ella, muitos philosophos lhe oppunham já o methodo experimental a começar em Bacon; o descredito das construcções á priori, ou dos systemas idealistas de Ficht, Schelling, Hegel, e de Krause, mesmo na Allemanha, era já completo antes de Comte.

A essencia das coisas já corria como axioma não ser concebivel, e as entidades eram tidas como entes de razão, abstracções, ou chimeras.

A sociologia, como provarei por extractos de Condillac, já este sensualista a queria fundar nas mesmas bases, que os positivistas.

Dizem estes que antes de Comte nenhum philosopho se lembrou de crear uma philosophia senão d'ideias subjectivas—desde que o *apriori* estava posto de parte como chimerico, é evidente, que uma philosophia só pode ser uma synthese das sciencias, pelo menos de inducções rigorosas, que ellas forneçam.

Mas em quanto não estiverem n'esse ponto, a synthese é impossivel.

No annuncio d'uma *synthese de todas as philosophias e de todas as sciencias* vemos uma charlatancia de primeira ordem.

As sciencias naturaes ha muito que se conservam dentro dos limites do relativismo, apezar das

hypotheses não verificaveis, que não evitam, nem dispensam, e a quem devem, tanto como á experiencia, os seus progressos.

Nada mais trivial, nada mais repetido em todas as epochas, até por alguns philosophos da India antiga do que os seguintes lemas: não é possivel conhecer a essencia dos entes—limite-se o espirito humano a indagar as relações entre os factos.

N'isto se cifra tambem o positivismo.

Julgando tomar uma posição intermedia, proclamam os chefes Comte e Littré—que não negam, nem affirmam nem o espirito, nem a materia, que não sabem se existe nem se não existe o absoluto, que não se cansam em hypothese sobre o *inconhecivel*.

Mas essa neutralidade não podem sustentá-la, sobretudo nos problemas da moral, da psychologia, e da historia—querendo explicitos pelos principios biologicos, que ainda reduzem ás leis da phisica e da chimica, deixam de ser neutraes, e assim recaem no materialismo puro, e nas suas hypothese mais arbitrarías.

Diz Littré claramente, «que os phenomenos psychicos ou mentaes pertencem á psysiologia do systema nervoso».

Era necessario proval-o: longe d'isso o sabio Littré nada accrescenta, que suppra a theoria espiritalista, hoje *sem duvida* muito abalada pela physiologia recente.

Não prova, que um estado qualquer da consciencia tenha por antecedente um certo e conhecido estado do systema nervoso—o dar este como causa, d'aquelle é uma supposição gratuita, é esquecer-se do seu programma.

Já as ideias de Galle serviam a Comte para reconstruir a ordem moral e intellectual, mas de um modo arbitrario, que não pode ter a côr positivista. Para Comte é o cerebro a causa e a substancia das faculdades mentaes—o espirito é uma funcção d'esse órgão. «Systema de Philosophia Positiva. Tomo 1.º cap. 3.º»

Eil-o, redondamente materialista, onde está a neutralidade?

A moral para Littré deriva de dois impulsos contrarios—o egoismo e o altruismo—o primeiro vem, diz elle da necessidade da nutrição—o segundo da necessidade da união dos sexos, do desejo de propagar a especie.»

São duas fontes miseravelmente imaginadas para a moral humana.

Por mais que generalise estas duas tendencias organicas, em vão pretende tirar d'ahi tudo o que nos move moralmente.

A ideia da justiça apresenta a no livro, que intitului, A sciencia sob o ponto de vista phylosophico—como intuitiva, como um facto mental irreductivel. E' sahir da sua doutrina, e entrar da espiritalista. Como é que em biologia cerebral admite uma intuição, uma cathogoria, uma ideia á priori, e como é que esta ideia se torna em motor, em um principio determinante dos actos humanos?

Littré responde superficialmente com uma *hypothese*, que não satisfaz ao caso de que se trate.

«Anatomicamente, as faculda-

des intellectuaes e affectivas tendo a mesma séde influem umas nas outras de qualquer modo que estejam *Justapostas*, quer as células intellectuaes sejam distinctas, quer identicas ás affectivas na sua contextura—o modo, porque funcionam, não differe senão segundo a impressão nervosa interna ou externa, que recebem».

Como sabe, ou justifica o que ahi nos affirma?

Tudo hypothese, e puramente materialistas.

Para Comte tambem as causas e principios moraes eram impressões nervosas—mas a arte, a consciencia, a religião, a historia, obrigam-n'o a sahir da neutralidade da sua eschola, e portanto a contradizer-se.

Na historia admite um ideal, um avançamento progressivo, não se esquece d'uma esthetica, bem curiosa na verdade; considera as leis sociaes fora do sensível, estabelece porposições absolutas subordinando os interesses aos deveres, e contudo só admite o util, e o relativo.

São contradicções inexplicaveis.

(Continua)

Laurenço d'Almeida e Medeiros.

A' VOLTA DA "IRMÃ,"

E' hoje, outro, o titulo d'esta secção, porque, achando-se doente e director do «Ovarense», respeitamos o seu estado, cumprindo o dever de desejar o seu restabelecimento, e de abrir tréguas.

Temos, pois, só em campo a «irmã» e, sentindo-se desamparada, abranda muitissimo as suas furias.

Quer uma esponja sobre o seu passado, que lhe temos cantado em proza, a *ella* chama *baixa*. Tem razão.

E' uso e costume cantar-se tudo em verso, e a «irmã» não pode levar a bem com *ella* se gaste sómente prosa, quando todos os crimes *horripilantes* são cantados em fado pelos cegos das nossas Beiras, e pintados em quadros *mirabolantes*.

A «irmã» queria tambem que a sua historia tivesse um fado e um quadro, e merecia-o.

Ainda não é tarde.

Não quer a «irmã» que lhe digamos as verdades; ameaça-nos com a pena do *Talhão*.

Era desnecessaria tanta franqueza, porque ha muito tempo, que nos convencemos que a pena, de que a «irmã» usa, é a propria do *Talhão*, ao contrario não se teria rebaixado tanto, deturpando a verdade e calumniando vilmente para encobrir as fraquezas proprias.

A «irmã» está regenerada e é inextoravel para aquelles, que presume peccadores, tal qual a Messatina, que, depois de cançada do vicio e da orgia, se volta para Deus, porque o diabo não

tem mais que comer; e assim já não pode perdoar que a camara não resolva de prompto uma questão sobre quinze metros quadrados de terreno.

Ella tem razão, porque os bens municipaes não devem ser dados em pagamento de beneficios recebidos ou a receber; mas tambem pode estar tranquilla, porque a actual camara não usa dos processos, que *ella* usou.

O que falta á «irmã» é auctoridade moral para fallar em taes assumptos.

Quem deu á fabrica de conservas terrenos de valor superior a *cinco contos de réis*, como são os do Largo do Martyr e os do Furdouro, tem que estar muito calado.

E a nossa maior mágua, é que, muito brevemente, todos esses terrenos, que eram do nosso municipio, vão passar para a posse e dominio de estrangeiros, pois, segundo nos consta, uma empreza allemã vae adquirir tudo o que é da fabrica.

Nem patriotismo nem dignidade.

Volta a «irmã» a tratar da saude publica, mas d'esta vez engole os elogios ao sr. Administrador do Concelho, para o censurar por consentir que, em pleno dia e em plena Praça, passam estrumeiras, que exhalam insupportaveis cheiros.

Esta «irmã» tem um nariz de grande alcance; cheira-lhe sempre.

Nem todos têm este dom, e porisso é que o sr. Administrador não chegou a perceber as taes estrumeiras; mas que as ha, ha.

Embirrou, tambem, a «irmã» com o sr. Administrador por ir policiar os arraiaes.

N'este ponto tem toda a razão porque *ella* como nunca falta a nenhum e como não sympathisa muito com a auctoridade, e vice-versa, o policiamento pode trazer graves transtornos.

D. Maria Emilia Seabra de Castro

No dia 11 do corrente mez de setembro, effectuou-se em Anadia uma manifestação imponentissima, promovida por um grupo de sympathicos e dedicados, Anadienses, afim de festejar o anniversario natalicio da illustre filha d'aquella villa a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Emilia Seabra de Castro, esposa do sr. Conselheiro José Luciano de Castro.

D. Maria Emilia Seabra de Castro é um nome conhecido não só em Anadia, mas tambem em todo o paiz, e consubstancia a triplice qualidade «d'esposa exemplar mãe carinhosa e protectora desvelada.»

Sua ex.^a trata os Anadienses como a filhos, e tem sido incansavel em semear pela sua querida terra os germens da caridade, do Amor e abnegação; e, assim, os Anadienses, n'um generoso impulso de justa gratidão, promoveram-lhe festejos brilhantes, em homenagem a suas excelsas virtudes e preclarissimos dotes d'alma e coração.

Foi entregue a sua Ex.^a uma mensagem de agradecimentos pelos beneficios, que tem dispensado á sua terra. Finda a leitura da mensagem, que ia encerrada em uma pasta de pelucia azul, forrada de setim da mesma côr, e com o monogramma em prata, a nobre festejada agradeceu, commovida, em phrazes impregnadas de sinceridade e verdade, que foram acolhidos com uma calorosa salva de palmas e por freneticos vivas a Sua ex.^a, ao sr. Conselheiro José Luciano de Castro, e a seus gentilissimos filhos.

Associando-nos a esta apothese endereçamos a sua ex.^a os nossos viementes e cordeaes felicitações.

Todas as ruas d'Anadia achavam-se ricamente ornamentadas, destacando-se o trecho da rua em frente ao palacete do sr. Conselheiro José Luciano.

Abrihantaram as festas as phylarmonicas de Anadia, Agueda, Moita, Oliveira do Bairro e Paredes.

A Conferencia

Do Sr. Theophilo Braga no Atheneu Commercial do Porto

II

Segundo o sabio conferente os lusos pertencem á raça ligurica, superior ás de toda a Europa, e entre nós sempre distincta ou conservando os seus caracteres, ainda quando crusada com outras.

Muito bem. Estas asserções, tão lisongeiras para nós os bons portugueses, deviamos acceital-as, se não fossem illusorias ou erros manifestos, chimeras do illustre professor, quando mesmo as abone o inglez Francis Edwards, de quem adiante fallaremos.

E' pelo menos uma opinião temeraria.

Se a raça lusa é ligurica, é uma raça das mais inferiores, cujos caracteres phisico-morales não podem fazer considerá-la superior a todas as outras da Europa segundo os ethnographistas, que a analysaram, Pruner-Bey e Niccolacci, ambos classificam os Liguros como Mongoloides, e Pruner descreve-os assim: craneo pequeno d'um *aspecto sinistro* de paredes grossas, e de forma pyramidal, maçans do rosto salientes, sinus frontaes obliquos, arcadas zygomáticas muito onduladas, nariz curto, dentes prognathos, fortes caninos, faces largas, narinas muito abertas, e outros muitos signaes organicos, que omitto, os caracterizam, e dos quaes se conclue ser uma raça das mais inferiores, ramo infimo dos mongoloides, infatigaveis, e ferozes. Pelo menos eu não quero ser liguro. Ainda ha restos, que se observam no *Loir et Cher* em França, e ainda na Irlanda, que não confirmam a intelligencia, com que os dota o auctor da *Etnographia-Gaulesa*, não reconheço as rasões, tambem porque julga terem-seos,

celtas fundido com essa raça por elles conquistada, e eu digo expulsa da França.

No typo gaulez não ha signaes, que indiquem a fusão.

A Belgica e a Gallia meridional estava habitada por Liguros, Cimbrós, e Ambrões, eram nomadas, viviam de rapinas, os Liguros da Belgica passaram á Hespanha, os iberos os repeliram, tornando a passar os Pirineos, encontram-se com os Sículos povo da raça iberica, e com estes embarcaram para a Italia, e fundam juntos a Sicilia, ou a grande Grecia com os gregos, que posteriormente alli aportaram.

Os celtas, que os seguiram de perto na sua passagem para a Europa occidental não se misturaram com elles, mas os repellem, e como acontece com os povos ainda não sedentarios, os liguros fogem, emigram, o que lhes é facil, e preferivel a serem-se dominados.

Belloguet quer attribuir a intelligencia e as qualidades superiores do gaulez ao elemento ligurico, assimilado, o que nenhum ethnologista reconhece, nem elle mesmo justifica.

A respeito da Belgica, diz Steur, que lá não existe lá nenhuma prova do antigo elemento ligurico, a não ser o nome Liger, rio da Flandres occidental.

Os liguros são bem conhecidas nos annaes da Inglaterra.—Habitavam as costas maritimas da Belgica, quando foram expulsos pelos Celtas, uns seguiram o mar, e abordaram a Marselha, muito antes da chegada dos gregos phocianos—que os repeliram.

Outros passaram o canal da Mancha, e se estabeleceram em Inglaterra.—Foram estes que receberam os fugitivos da Hespanha, reconhecendo-os como da mesma raça, e fallando a mesma linguagem.

Demoraram-se na Hespanha meridional o bastante para darem o nome a uma—Ligurina—d'onde tambem foram expulsos, não permanecendo na Italia, ou na Inglaterra.—Assim não são uma raça superior, nem persistiram na Hespanha, nem na Lusitania.

((Continua))

Lourenço d'Almeida Medeiros.

AS INSPECÇÕES

Ao approximar-se a epocha das inspecções militares n'este concelho, dois orgãos da imprensa local «Ovarense» e «Discussão» apresentaram-se profundamente indignados, protestando contra actos da junta de inspecção do anno passado, e pedindo, á actual, moralidade e justiça.

Ficámos estupefactos com tal procedimento, e nada dissemos até hoje, porque conheciamos de sobejo o espirito de rectidão e justiça dos vogaes da junta, e melhor do que nós, fallariam os seus actos, e a duvida da nossa parte seria uma suspeita lançada, a quem, pela sua posição e pelos seus antecedentes, nunca a mereceriam.

Ainda bem que, passados os primeiros dias das inspecções, os mesmos jornaes que até ahí duvidavam da integridade de caracter dos inspecionantes, vieram fazer-lhes a devida justiça.

O que é, porém, para estranhar, e faz duvidar com fundamento da sinceridade, com que os dois orgãos locais vieram pedir moralidade e justiça, e protestar contra as inspecções do anno passado e a circumstancia de deixarem passar um anno, para verberarem um acto de veras revoltante, quando porventura se tivesse dado.

Não ha nada que possa justificar o silencio tão prolongado de taes moralistas.

Não foi a defeza das victimas que os fez fallar, mas sim a signa que os persegue de caluniar e

malsinar de tudo que pareça prejudicar-lhe os seus fins.

O concelho d'Ovar nunca foi uma excepção, nem no paiz, nem no districto, quer sob o ponto de vista de inspecções, quer sob outro qualquer.

Se confrontar-mos os resultados das inspecções militares no nosso concelho, ha dez annos a esta parte, com a de outros, já do nosso districto já d'outro, veremos que a percentagem dos mancebos isentos é inferior aos demais concelhos.

A causa d'esta differença, desde que admittamos, como admittimos, que as juntas de inspecção seguem sempre a mesma bitola, só pode attribuir-se á robustez e sanidade dos mancebos da nossa terra, chegando até á conclusão de que o nosso concelho é o mais sadio de todo o paiz e a nossa gente é a mais perfeita e forte.

Em face d'estas circumstancias é pena que haja tanta repugnancia pelo serviço militar, porque seríamos nós quem dariamos os melhores soldados para o exercito.

Dissemos que estranhámos que os dois orgãos locais, só passado um anno, vieram accusar a junta de inspecção de ter cometido graves escandalos.

E' facil dizer accusações, mas difficil proval-as, quando são falsas.

Não sabemos o que houve nos outros concelhos, mas no nosso houve simplesmente justiça, e a prova está no confronto dos resultados finais das inspecções do anno passado com os de este anno.

Em 1905 foram recenseados em todo o concelho d'Ovar 356 mancebos, dos quaes foram isentos 155, sendo a percentagem das isenções de 43,539 %; em 1906, foram recenseados 319, tendo sido isentos 139, sendo assim a percentagem das isenções de 43,573 %.

E' evidente, pois, que a percentagem das isenções no corrente anno foi superior á do anno antecedente e este facto só de per si é bastante para deitar por terra as aleivosas e tardias accusações feitas por parte da imprensa local.

E não se diga que a percentagem indicada relativamente ao anno de 1905 não representa a expressão da verdade, porque foram apurados mancebos que depois, por doença de que soffriam, tiveram baixa do serviço, porque em todo o concelho, e o anno passado, apenas dois soldados ou recrutas obtiveram baixa, sendo um da freguezia d'Arada e o outro da freguezia d'Ovar.

E' a actual junta de inspecção que veio provar, d'uma maneira clara e positiva, que n'este concelho e no anno passado, não se commetteram escandalos.

Nunca os calumniadores supuzeram soffrer um desmentido tão cabal.

Reflexos pallidos

VII

Habita lá pr'os lados de S. Miguel, proximo da linha ferrea, aonde todos os dias vê passar o rapido... de luxo

Muita gente curiosa tem perguntado qual a razão porque ella, devidamente acompanhada, costuma apparecer á passagem dos comboyos...

Certamente não é para se habilitar a um concurso de guarda da linha, que pouco rende e cujo serviço é violento, muito principalmente em noites de vendaval desfeito. A razão é outra. Quem sabe se por lá apparecerá algum gentil rapaz a fazer-lhe o seu pé d'alferes?

Seja como fór. E' uma rosa linda que fica bem, n'um canteiro florido, ao lado d'um lyrio branco.

Oxalá que o nordeste a não desfolhe e ao lyrio que não lhe tórça a haste...

Sympathizam com as fardas reluzentes da tropa, especialmente quando essa farda é envergada por um moço de porte irreprehensivel e militar brioso. A culpa é do Sr. Pimenta Pinto que passa o tempo a mudar a côr das fardas, e tambem da Natureza que ás vezes prodiga, dotou o rapaz com um palminho de cara capaz de fazer endo:decer um... anjo.

Farda reluzente, lunetas a brilharem ao sol, quem não se sentirá vencido e fascinado por tanto brilho?

Gil-Bras.

Estudos de Psychologia Social

O SUICIDIO

II (1)

Dieu créateur, pardonne á leur démence.

L'humanité mangue de saintes apôtres
Qui leur aient dit: Enfants, suivez la loi:
Aimer, aimer, c'est être utile à soi;
Se faire aimer, c'est être utile aux autres.

Benanger-Chansons nouvelles
1833—Le suicide pag. 183.

No numero transacto fallei do amor mutuo dos conjuges, como pedra basilar da familia, como elemento anticipado e garantia da educação da prole. Hoje parei gyrrar em volta da educação infantil algumas considerações talhadas em moldes praticos, com que alguma cousa terão a lucrar os chefes de familia sobre quem peza a obrigação de educar os filhos, tornando-os uteis á sociedade, á patria e á familia.

De nada vale lançar á terra a semente boa, quando o terreno é inculto e escabroso.

Póde brotar, verdejar, florescer até, mas nunca chega a fructuar. E se uma serie de circumstancias extemporaneas e imprevisitas, uma ou outra vez desenvolve, cobre de flores e fructos a arvore lançada ao abandono, essa arvore silvestre, desprotegida dos cuidados do agronomo, volta em breve, seguindo as leis do atavismo, ao primitivo estado de incultura, deforma-se, enlanguesce e morre.

Dá-se o mesmo phenomeno de atavismo moral nos arbustos juvenis que vemos florescer e acalentamos no berço, cobrindo-os de esperanças e de benções. Estes arbustos promettedores de grandes fructos, são as creanças. Se lhes falta a educação, aquella educação que define a intensidade das intelligencias nativas, solidifica o caracter e torna o homem apto para as grandes luctas pela vida e pelo progresso social, então longe de ser um luctador, é um vencido da vida; longe de ser uma arvore viril capaz de arrostar com os contra-tempos da adversidade, é um ramo secco e esteril, que quebra e cõe ao perpanar da mais leve aragem da desgraça e da dôr.

Educar as creanças, não é sómente ensinar-lhes que a terra gyra em redor do sol fixo, relativamente; é tambem accordar-lhes n'alma a ideia de Deus que fez o sol e que deu movimento á nebulose que se transformou em planetas.

Educar não é sómente inspirar á creança o amor ao trabalho material e ao progresso; é dizer-lhe tambem que deve amar e honrar os seus paes como prototypos e

(1) Não sei se já algum reparou na minha abstenção, propositada talvez, de entrar propriamente no assumpto, estudando-o á face da philosophia e do direito natural.

Reservo para mais tarde esse assumpto, assim como o fazer um pequenino balanço da influencia que o pessimismo philosophico-cientifico, tão em voga em nossos dias, tem tido sobre as intelligencias, levando-as a abraçar todas as theorias modernas desde a Inconsciencia de Hartman que muitos objectivaram na metempsychose plenaria, até ao positivismo descarado de A. Comte (hoje em banca róta) que veio dar um novo impulso de vida ao materialismo contemporaneo.

representantes (Deós terrénos) de Deus sobre a terra.

Educar não é sómente fazer a apothose da electricidade que põe em relações o mundo inteiro, nem produzir alvoroço no cerebro infantil, mostrando-lhe a magnificencia artistica do Vaticano ou as harmonias cyclopicas do Escurial; educar é tambem mandar tirar-lhe o chapuezinho infantil quando do cumo d'essas torres agigantadas cõe o som festivo das trindades dizendo-lhe: Resa em honra da Mãe de Jesus!

Emfim educar não é só fazer sabios e cultores da arte, é fazer homens.

Ha differença, e muita differença, entre instruir e educar.

Mas qual deve ser a ideia que devemos fazer da educação? Depende da ideia que fizermos do homem e da sua immortalidade ou anniquilamento.

L'idée qu'on se fait de l'Education et du rôle de l'Éducateur dépend évidemment de l'idée qu'on se fait de l'homme et de sa destinée. (1) Se do homem se faz a ideia d'um simples animal aperfeiçoado, mas isolado d'uma noção de moralidade fixa e sem aspirações ultra-terrenas, então a educação é toda subjectivista, isto é, pessoal, sem regras impostas por ninguem. E não será um contracto impôr-lhe tal educação?

Semelhante educação não supõe crença alguma, nem em quem ensina nem em quem recebe taes ensinamentos.

Falta-lhe a ideia directriz que dá á educação um lado pratico e lhe augurar resultados fecundos.

Os partidarios d'esta educação divorciada da crença, chamam-lhe neutra, para darem a entender que fica livre campo a todos, visto que blasona de não favorecer nem repellar as ideias religiosas de ninguem.

Evidentemente tal systema de educação, é troucado, deturpado, pessimo.

Só a educação em que o sentimento religioso entra como factor e a moral do evangelho como elemento integrante, é capaz de offerrecer resistencia ao vento nefasto que vier abalar o pedestal da liberdade, da religião e das nacionalidades.

Pois só a doutrina de Jesus nos falta á intelligencia na mesma linguagem em que nos falla ao coração; só ella nos leva a alma endurecida e fechada ás commoções pateticas do sentimento, uma reseta de luz que accende no rescaldo das nossas creanças passadas e perdidas, um raio de esperanças e conforto, porque é um raio de fé. Os aspectos irritantes e desesperados da vida, não nos desconcertam tanto a alma quando esta é acalmada pela influencia da moral christã, da moral do amor e da caridade.

O suicida, esquecido da virtude e desamparado da crença religiosa, amaldiçoa tudo e todos, toma o punhal e paraphasêa Job: Maldita seja a hora em que nasci! Depois enterra o ferro homicida dentro d'um coração gelado pela indifferença e n'um supremo esforço talvez ainda tenha força para proferir as palavras que ha annos um suicida italiano proferira: Ninguém chøre por mim, que nunca amei ninguém!

Faltava-lhe ao infeliz a crença na religião do amor ensinada e exemplificada por Jesus Christo, que nos mandou amar o nosso semelhante como a nosso irmão e como a nós mesmos.

E' a falta de crença, que se bebeu muito superficialmente na juventude, que faz esta sociedade apathica, indifferente e talvez incredula.

E' a falta de crença, este satanismo voltaireano que faz enjellar as faces ao incredulo n'um riso agudo, quando se falla de religião que põe nos labios do sui-

cida estas palavras de Espronceda:

Que haya un cadaver más,
Que importa al mundo?

Se não importa ao mundo importa ao futuro da sociedade.

30-8-906.

Augusto Moreno.

Boletim Elegante

Fez annos no dia 16 do corrente.

A Ex.^{ma} Snr.^a D. Felicidade Augusta Riffa da Gama Baptista, extremosa esposa do nosso illustre amigo o Ex.^{mo} Snr. Dr. João d'Oliveira Baptista, distincto clinico, n'esta villa.

e faz no dia 27.
—o Snr. José Pacheco Polonia, importante commerciante, na cidade do Porto.

NOTICIARIO

SUBSCRIPÇÃO

Por intermedio do snr. José Luiz da Silva Cerveira, foi entregue a José Ferreira Malaquias, como thesoureiro da «Banda dos Bombeiros Voluntarios», d'esta villa d'Ovar, a quantia de 35\$000 reis moeda forte, producto d'uma subscrição aberta no Pará, no estabelecimento do nosso conterraneo Francisco Lopes da Silva Saleiro e em favor da mesma Banda:

| | |
|----------------------------------|---------|
| Francisco Lopes da Silva Saleiro | 20\$000 |
| José Ferreira Andrade | 10\$000 |
| Francisco Fernandes Souza Villas | 10\$000 |
| José Paço da Silva | 5\$000 |
| Manoel Rodrigues Formigal | 5\$000 |
| Antonio André Boturão | 5\$000 |
| Um anonymo | 5\$000 |
| Antonio d'Oliveira Ramos | 5\$000 |
| José Maria Ferreira Coelho | 5\$000 |
| Antonio Gomes da Silva | 5\$000 |
| José Fernandes | 5\$000 |
| Moraes e Neves | 5\$000 |
| Manoel Joaquim Arage | 5\$000 |
| Antonio Pinto Carvalho | 5\$000 |
| Antonio da Motta Pereira | 5\$000 |
| Julio Pereira Vinagre | 5\$000 |
| Um vareiro | 5\$000 |
| José Godinho Teixeira | 2\$000 |
| Francisco José Paulino | 2\$000 |
| Manoel Fernandes Palhos | 2\$000 |

Total 116\$000

A Direcção e membros da «Banda dos Bombeiros Voluntarios» d'esta villa agradecem penhoradissimos aos Ex.^{mos} subscriptores a sua alevantada magnanimidade.

OS HUMBERTS

Thereza Humbert e seu marido Frederico Humbert—Os heroes do celebre drama «Os cem milhões dos Cranfords», que por largo tempo trouxe preocupada a attenção de todo o mundo—, foram, por determinação do snr. Clemenceau, ministro do interior em França, postos em liberdade, no dia 13 do corrente.

Thereza Humbert, ao sahir da prisão de Rennes, proferiu, entre outras, as expressões: «Antes de pouco tempo, haverá revelações sensacionais. Os que me accusaram e fizeram soffrer, não-de pagar os seus actos.»

Aguardemos, pois, as revelações sensacionais.

Assaltos ás Ourivesarias

Ha quatro annos, foi roubada, na Figueira da Foz, a ourivesaria

(1) Théorie de l'Éducation—par L. Laberthonniér—Paris 1901 pag. 4.

ria do snr. Ferreira Pinto, apoderando-se os larapios de joias no valor de cinco contos de reis.

Após longas investigações policiaes abrigou-se que os auctores do roubo foram os mesmos que roubaram a ourivesaria «Garantida», á rua Passos Manoel, cidade do Porto, e que tentaram assaltar e roubar a ourivesaria «Bonneville», á rua do Ouro, em Lisboa.

São elles os tres gatunos hespanhoes Santiago Lopez, José Relano Calvo e Luiz Garcia Lopez, hoje prezos em Lisboa e que estavam a banhos na Figueira da Foz, fazendo-se acompanhar d'uma mulher, e que fugiram d'ahi no dia em que foi descoberto o roubo, indo para Hespanha por Villar Formozo, e seguindo para Ciudad Rodrigo, onde mostraram as joias roubadas.

Segundo informa o «Seculo», «parece estar apurado que os tres larapios pertencem a uma quadrilha organizada unicamente para assaltar ourivesarias, e que tem dirigentes em Lisboa e Porto».

DESCANÇO SEMANAL

Em brève, realizar-se-hão em diferentes pontos do paiz, magnas reuniões das classes operarias afim de se accordar nos meios para impetrar do governo um decreto, que auctorise o descanso hebdomadario.

SANTOS DUMONT

No dia 13 d'este mez, no recinto de Bagatelle, em Pariz, o arrojado aeronauta brasileiro Santos Dumont procedeu a novas experiencias sobre o seu aeroplano, n.º 14 bis, mais pesado que o ar. O aparelho subiu até uma altura media de cerca de um metro, e, quasi em seguida, pois tinha percorrido uma distancia apenas de 15 metros, produziu-se um choque e a machina cahiu, resultando ficar deteriorada toda a parte de traz do aeroplano.

Santos Dumont, porém não perde o sangue frio; e, inalteravel, diz «um pequeno incidente».

Fazemos votos para que o intrepido e incomparavel aeronauta seja coroado de melhor exito nas experiencias ultteriores.

PADRE WERNZ

Foi eleito novo geral da Companhia de Jesus um jesuita Allemão—o Padre Wernz Reitor da Universidade Gregoriana.

FESTA DO MAR

Foram fixados, definitivamente os dias 13, 14, e 15 do proximo mez de outubro, para os festejos em honra ao Senhor da Piedade, na Praia do Furadouro d'esta villa festa que é conhecida vulgarmente, pela denominação de —Festa do Mar.

Opportunamente publicar-se-ha o respectivo programma, que será tão brilhante como o dos annos anteriores.

Do nosso illustre collega «Progresso d'Aveiro» transcrevemos, com a devida venia, a engraçada noticia.

FATO SALVA-VIDAS

Um alfaiate de Londres inventou um gabão e uns sapates salva-vidas, com os quaes qualquer pessoa se pode equilibrar verticalmente dentro de agua embora desconheça as mais rudimentares principios de natação.

O Gabão é analogo aos que os pilotos usam, mas tem um cinto pneumatico, que incha por meio de um tubo apropriado.

Os sapatos têm duas azas de cobre, os quaes se abrem e fecham á medida que a pessoa vae mexendo os pés, e que, ao mesmo tempo que permitem avançar como se fosse remos, contribuem para sustentar o individuo, que os supporta na posição vertical e com uma parte do corpo fóra d'agua.

O inventor, mediante provas praticas em publico demonstrou que o fato salva-vidas é ultima palavra no genero.

NECROLOGIA

Por telegramma, vindo do Pará, soube-se ter alli fallecido o Sr. Manoel da Silva Alminha, filho do Sr. João da Silva Alminha, d'esta villa.

A familia enlutada o nosso cartão de profundos pesames.

VINDIMAS

Principiaram as vindimas. A fretilizante chuva, que nos ultimos dias cahiu, beneficiou as uvas, esperando-se excellente qualidade de vinho, e em grande quantidade.

PESCA

Ultimamente, a pesca, na nossa Costa, foi escassa, estando mesmo as companhas de pesca sem trabalhar durante dias seguidos, em razão do mar ser agitado.

Carreira para o Furadouro

O senhor Loureiro, importante alquilador d'esta villa, estabeleceu carreira de trens da villa para a praia do Furadouro, e vice-versa, encontrando-se, quasi a toda a hora do dia, carros, tanto na praça proximo ao estabelecimento do snr. Valente, como na praia, ao fim da estrada perto da Capella Velha.

Damos parabens ao snr. Loureiro por um melhoramento, de que muito se carecia e aproveitamos o ensejo de lembrar-lhe a conveniencia de estabelecer uma carreira extraordinaria, durante a epocha balnear aos domingos, dias santificados e segundas-feiras, ás 9 1/2 horas da noite da praia para villa, visto n'aquelles dias haver maior concorrência de passageiros.

A Manoel José da Silva Mattos Junior

O dia 24 de Março de 1906, amanheceu triste; e quando, só tarde o sol desaparecia no oceano, levava com elle, para sempre, a alegria dos meus olhos.

Seis mezes são volvidos depois que tu, para sempre, te margulhas-te no eterno somno do qual já mais acordaras; e, desde então, o meu peito, e o de todos que te amavam, ficou immerso nas cruéis trevas duma interminavel noite de dôr!

Foste novo, trabalhador e honrado, tu éras a alegria da casa, o doce appoio de teus irmãos, todos mais novos a quem amavas, e te amavam em extrêmo, e o arrimo, a meiga esperança, a maior das aspirações de teus paes cujo coração deixas-te esfarelado pelos espinhos do mais cruciente pesar, vertendo, em lagrimas de sangue, o amargo pranto da tua saudade que só cessará quando como tu, elles, os teus bons paes, se esconderam nas sombras d'um sepulchro.

Em toda a pujança da vida, no mais bello quadro de teu viver, a negra morte, a implacavel parca, não querendo que gozasses o fructo do teu trabalho, arrebatou-te

nas suas negras e insaciaveis garras para te esconder de nós, de todos os que te amavam, nos misterios insondaveis d'alem tumulo. E n'esta dôr cruel, dôr infinda, produzida pelos acêrbos espinhos da mais dolorosa saudade em que a tua morte deixou a minha alma, só encontro benitivo no balsamo sagrado da religião e da crença. E' que a tua alma boa e nobre, despida do enganador e bem presado fardo da vida; esta gosando junto de Deus dos bem-aventurados, dos bons e dos justos, como tu o foste.

E já que as lagrimas são a respiração duma alma abafada pela dôr e a melhor manifestação duma immorredoura saudade, nunca nunca deixarei de as verter a tua sempre querida irmã muito amiga.

Vallega 23-9-1906.

Albina Augusta da Silva Mattos.

CORRESPONDENCIA

Vallega, 20

Embora queiramos furtar-nos a mais considerações sobre o caso, (certidões d'obito) não podemos deixar de as fazer attentas as respostas do correspondente da «Discussão».

São sempre um tal embroglio que difficil é digerir.

Pois, não nos diz agora o *sabio* correspondente que era essa mesma a certidão a que se referiu sempre?

Quem reclamou outra?

Por ventura não foi essa certidão que o sr. Regedor Veiga reclamou? Para que precisava elle, regedor, da certidão passada pelo parcho?

Quando elle precisasse d'ella ou outra pessoa qualquer, teria de a pedir antes oito dias e procural-a outras tantas vezes segundo o costume! Emfim, estamos pelo ditto do sr. Faz-tudo:

Quem não pode trapaceia.

Emquanto a uma das partes da sua correspondencia, em que nos diz que erramos o tiro, cremos bem que não, pois, a caça, a que miramos, emmudeceu.

Sahiu-nos, é certo, uma nova peça da melhor qualidade, plumagem apilarada e que *canta* como um melro.

Estamos convictos de que n'esta mesmo acertaremos.

Apesar de não sermos caçadores de *pégas*, ainda fazemos boa pontaria.

Em outra parte diz o novo correspondente: *haverá por lá incenso que torne agradável o cheiro nauseabundo que ficou do partir das tabellas clericas?* Não percebemos bem o que elle quer dizer com isso, francamente o confessamos. N'unca fizemos uso do thuribulo e navêta, não somos clerigo, sachristãos ou ex-seminarista sequer e nem tão pouco na nossa casa se vende incenso.

Mas, por informações que colhemos ultimamente, subemos que effectivamente, foram partidas, não se sabendo até á data quem foi que o fez.

O que nos dizem ser verdade, é que essas tabellas existiam de tempos immemoriaes e sempre observadas, o não eram ha um tempo a esta parte. Será isto verdade?

Crêmos bem que sim pelas informações que colhemos de pessoa insuspeita e digna de maior respeitabilidade.

Agora perguntamos nós:

Porque é que, sendo as referidas tabellas observadas pelo saudoso e sempre chorado Dr. Marques Pires, pelo encomendado, que foi d'aqui, P.º Reis e já por este R.º Pastor até a uma certa epocha (emquanto o seu clero disciplinado e honesto acatava as suas resoluções já um pouco desorientadas (o não são agora)?

Parece-nos á primeira vista que o partir das referidas tabellas é um acto menos delicado; mas ponderando bem o que se passa entre o clero e o seu parcho, segundo nos informam, não podemos deixar de dizer que a sua extincção se impunha, visto que não eram observadas e a sua presença seria sempre uma ferida aberta, que impediria o recatamento de relações entre o clero e o parcho.

Refere-se tambem o *sabio* correspondente a uns pasquins que appareceram aqui, insultando, segundo dizem, o R.º Pastôr. Subemos do apparecimento d'esse pasquim, mas tambem tivemos conhecimento, por uns poucos de «Jornaes» que o R.º Abbade era emprazado a provar as aleivosas calumnias que fazia aos signatarios e o que até á data ainda não fez. Parece-me, portanto, que o correspondente ou está mal informado ou tendo a seguir o caminho mais vil: a calumnia.

Esperamos que nos diga mais qualquer cousa para o podermos qualificar.

—A passar uns dias com seu tio José Luiz Veiga, nosso respeitavel amigo estiveram aqui suas Ex.ªª sobrinhas, filhas do tão apreciado e consideradissimo jornalista Pae Ramos, uma das figuras mais sympathicas e queridas da imprensa portuense.

Tambem aqui estiveram seus sobrinhos João Christothomo d'Oliveira Ramos, mui intelligente e digno professor do Lyceu do Porto e seu Ex.ªº mano o Capitão d'Estado Maior, Manoel Ramos illustre e sapientissimo professor de sua alteza o Principe-Real e do Curso Superior de Letras, com os seus tres galantes filhinhos.

Deixou-nos de tal maneira confundidos a lhaneza do seu trato, sempre amavel e prodigio em considerações; que não mereciamos, que não podemos deixar de, nestas desataviadas noticias, patentear-lhe o nosso reconhecimento e a nossa admiração. Não póde a nossa penna, nem tão pouco cabe nas estreitas columnas d'um jornal de provincia a apreciação duma figura tão proeminente; por isso deixamos a outrem que, com mais proficiencia, o saiham fazer.

Resta-nos apenas a lembrança de que para o anno o teremos por mais algum tempo n'esta freguesia, conforme nos prometeu. Assim o esperamos.

X.

REAL D'AGUA

Tendo chegado ao conhecimento da Inspeção Geral dos Impostos que em alguns concelhos do reino, se permite contra o que está estabelecido no regulamento de 29 de dezembro de 1879, que os contribuintes sujeitos a imposto do real d'agua conservam em seu poder, por muitos dias sem pagamento, os conhecimentos do modelo n.º 14, que lhe são conferidos pelas competentes repartições de fazenda, respeitantes a manifestos e avenças dos generos que expõem á venda, e, ainda que em algumas vezes esses pagamentos só chegam a effectuar-se no mez seguinte áquelle que respeitam; determinou Sua Ex.ª o Conselheiro Inspector Geral dos impostos aos seus subordinados encarregados dos Concelhos que façam cessar immediatamente semelhantes abusos, dando as seguintes instrucções:

1.º Que ao cerrar das repartições de fazenda verifiquem se os conhecimentos processados durante o dia por manifestos e avenças, como receita eventual, foram ou não pagos pelos interessados nas competentes recebedorias.

2.º Que no caso negativo, deverão proceder contra o que assim praticarem, nos termos do decreto n.º 2 de 27 de setembro de 1894, levantando as respectivas participações.

3.º Que nas sédes dos concelhos os arrematantes e empresarios e donos

de talhos ou casas onde se vendem carnes verdes a cuja pesagem a fiscalisação tenha assistido, ficam obrigados a realizar o pagamento do respectivo imposto no dia seguinte aquelle em que tiver logar a matança procedendo-se nos termos do n.º 2 d'estas instrucções no caso de transgressão.

4.º Que nas freguezias fóra das sédes dos concelhos o prazo para os contribuintes de que trata o n.º 3, será de 3 dias findo o qual ficam os transgressores sujeitos ás mesmas penalidades.

5.º Que aos encarregados dos concelhos será exigida inteira responsabilidade pelo cumprimento d'estas instrucções.

Foi ordenado aos escrivães de fazenda que facultem á fiscalisação os meios de poderem desempenhar o serviço de que se trata.

AGRADECIMENTO

A familia do fallecido Manoel da Silva Alminha, vem, por estl meio, agradecer a todas as pese soas que, por occasião do recebimento da dolorosa noticia do seu fallecimento na cidade do Pará, E. U. do Brazil, se dignaram apresentar-lhe cumprimentos de condolencias; e, outro sim, protesta a todos o seu illimitado reconhecimento.

Ovar, 21 de Setembro.

O Arrematante dos impostos municipaes indirectos sobre todos os generos sujeitos ao imposto do real d'agua d'este concelho aviza a todos os contribuintes tanto da freguesia como das freguezias pertencentes que até ao dia 1 de outubro têm de vir contractar as suas avenças sob pena de no dia immediato a quem o não tiver feito lhe serem apprehendidos todos os generos que se encontrarem.

Manoel Ferreira Dias.

LARGO DA POÇA—OVAR

EDITAL

José Ferreira Marcellino, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, administrador do concelho d'Ovar, etc.

Faço saber que nos termos do disposto no n.º 4.º do edital do Governo Civil do districto d'Aveiro, com a data de 10 de Março de 1892, é expressamente prohibido o lançar foguetes, bombas ou morteiros de dynamite, ou de qualquer outra substancia de explosão perigosa.

E as licenças, para atirar fogo ou qualquer substancia não prohibida, só poderão ser concedidas quando os requerentes assignem, com abonadores idoneos, termo de responsabilidade por todos e quaesquer prejuizos resultantes de foguetes, balões, etc. sob pena de serem autuados, no caso de contravenção.

Para constar mandei passar o presente e outros de igual teor, afim de serem affixados nos logares do estylo. Administração do concelho de Ovar, 21 de setembro de 1906. Eu, Manoel Gomes dos Santos Regueira, amanuense, que o escrevi no impedimento do secretario respectivo.

José Ferreira Marcellino.

AO PUBLICO

Antonio Maria Mattos, alfaiate; faz saber que na sua caza se fazem com perfeição, — sobretudo, capas, habitos, batinas e tudo o que diz respeito á sua arte.

Antonio Maria Mattos.

Largo da Poça—Ovar.

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

N'esta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, taes como: facturas, mappas, recibos, enveloppes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulares, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1\$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

RUA DE S. CHRISPIM, 18 A 28

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

PORTO

ESTAÇÃO CALMOSA

(Entre dois TYPOS muito conhecidos)

D'entre tantas maravilhas
Que citado eu aqui tenho
Sobre o vinho do Luzio,
Mais um caso reinadio
Fazer vér eu hoje venho:

—Marianna Sá dos Santos
Andava muito enjoada
Por causa não sei de uêq
Até que um dia prevê
Na Calmosa ser curada.

Mas depois de mil remedios,
Ter usado varias vezes,
Recorreu ao bello gêsso;
E hoje eu juro e confesso
Qu'achou cura aos nove mezes! . . .

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO

OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina, vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encomenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encomendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente.

CAZAS

Quem pretender comprar uma, morada de cazas altas, novas com quintal, armazem, poço e agua encanada, sita na Estação proximo á capella do Martyr, dirija-se a Joanna Rodrigues da Graça, viuva, da mesma rua, ou a esta redacção.

ALFAIATARIA DA MODA

Abel Guedes de Pinho, participa ao respeitavel publico d'Ovar, que abriu uma alfaiateria na rua das Ribas d'esta villa, encarregando-se de fazer toda a obra concernente á sua arte para o que está habilitado, responsabilizando-se pelo seu bom acbaamento; tambem, faz varinos ou gabões pelo systema d'Aveiro, o que executa com a maxima perfeição, visto ser filho d'um dos primeiros artistas d'Aveiro, e d'onde trouxe a melhor pratica.

Espera portanto, do respeitavel publico a fineza de o auxiliar na sua industria, pelo que muito reconhecido fica.

Aos Caçadores

Grande e variado sortido em espingardas centraes e de vareta', clavinas, rewovers, pistolas e todos os artigos concernentes. Grande variedade em polvoras pyroxiladas taes como a Schultre, Empire, Coöpal, Ballistite, Canonite, E C, Rottweiler, Regina e Horrido. Preços sem competencia.

Visitae o

BAZAR DOS CAÇADORES

R. SANTO ANTONIO, 40—Porto.

MERCEARIA PINHO & IRMÃOS

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possivel aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender
Azeitona d'Elvas a 220 réis o Kilo.
Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR